

ANÁLISE PRELIMINAR DOS RESULTADOS

PROVAS FINAIS DE CICLO
EXAMES FINAIS NACIONAIS
2013

AGOSTO 2013

Ficha Técnica

TÍTULO	ANÁLISE PRELIMINAR DOS RESULTADOS <i>PROVAS FINAIS DE CICLO</i> <i>EXAMES FINAIS NACIONAIS</i> <i>2013</i>
DIREÇÃO E COORDENAÇÃO	Helder Diniz de Sousa
AUTORIA	Helder Diniz de Sousa Maria Manuel Sampaio Maria Teresa Castanheira Sandra Pereira Vanda Lourenço

Agosto 2013

Índice

Nota introdutória _____	4
Nota metodológica _____	5
A. A variação interanual da classificação média das provas _____	5
B. As classificações médias totais, as classificações dos alunos internos e o significado do conceito de classificação positiva ou negativa _____	7
C. As classificações médias das provas finais de ciclo _____	8
1. Os resultados dos exames finais nacionais do ensino secundário _____	10
2. Os resultados das provas finais de ciclo do ensino básico _____	13
Conclusão _____	17
Anexo _____	18

Os resultados das provas finais de ciclo e dos exames finais nacionais registados em 2013 evidenciam uma tendência de estabilidade, em linha com o que tem sido observado nos últimos quatro anos. Esta tendência indica que a qualidade do desempenho dos alunos, quando caracterizada a partir dos resultados da avaliação externa do ano letivo que agora termina, não teve alterações significativas em relação aos anos anteriores.

As variações registadas nas classificações médias, na generalidade das disciplinas dos diferentes ciclos de escolaridade, em relação aos valores de 2012, não permitem uma caracterização da evolução dos resultados que sustente a ideia de degradação generalizada da qualidade da aprendizagem dos alunos.

A existência de uma quebra abrupta de resultados constitui, de facto, uma falsa questão para a qual foram avançadas múltiplas explicações; mas tal procura carece de sentido, uma vez que se procuram as causas de algo que não aconteceu. Reitera-se uma perspetiva já apresentada no contexto do debate relativo ao significado dos resultados dos exames nacionais: «... não sendo a conceção de exames uma ciência exata, a sua validade depende também da forma como são lidos os resultados. Segundo Stobart (2008, p. 174), “um teste bem construído torna-se inválido se os resultados são mal entendidos ou interpretados de forma errada”. Muito do debate que anualmente se gera em torno dos resultados dos exames, em Portugal, alimentado por opiniões mal informadas ou por leituras, intencionalmente ou não, desfocadas, ignora a realidade atrás descrita.»¹

As abordagens incorretas desviam o foco da atenção dos problemas reais que se têm verificado nos anos recentes e que é necessário enfrentar para melhorar a qualidade da aprendizagem dos alunos. A criação e a tentativa de explicação de uma realidade ficcionada, como se observa no corrente ano letivo, conduzem, seguramente, a um diagnóstico errado, o que dificulta a identificação das insuficiências da aprendizagem dos nossos alunos, como tem sido referido nos vários relatórios do GAVE sobre os resultados dos exames e dos testes intermédios publicados desde 2009².

Assim, considerando, por um lado, a importância que uma análise rigorosa dos resultados da avaliação externa dos alunos representa para o diagnóstico do sistema de ensino nacional e, por outro lado, o potencial valor formativo dessa análise no desenho de uma estratégia de superação dos problemas identificados, afigura-se indispensável apresentar uma breve nota metodológica, que visa proporcionar uma leitura e uma interpretação dos resultados não contaminadas pelo uso de indicadores e de conceitos menos adequados ou mesmo incorretos.

¹ Sousa, H. (2012). Exames nacionais: instrumentos de regulação de boas práticas de ensino e de aprendizagem? *In A Avaliação dos Alunos*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, p. 55.

² Sugere-se a consulta em <http://www.gave.min-edu.pt/np3/24.html>.

A. A variação interanual da classificação média das provas

As variações interanuais das classificações médias das provas, que constituem a dimensão de análise mais elementar e a que mais expressão assume em termos sociais, quando sujeitas a uma leitura simplista, como habitualmente sucede, assumem-se como um elemento pouco relevante ou mesmo sem qualquer utilidade para um diagnóstico rigoroso da qualidade do sistema de ensino, medida por indicadores baseados na avaliação externa.

No contexto de uma aplicação de provas em diferentes momentos (neste caso, com cerca de 12 meses de intervalo) haverá sempre diferenças de resultados. A replicação de um mesmo resultado em dois anos diferentes é, teoricamente, possível, mas tem uma probabilidade de ocorrência extremamente baixa. Tal afirmação seria verdadeira ainda que estivéssemos a aplicar a mesma prova ao mesmo conjunto de alunos, o que não sucede. As provas finais de ciclo e os exames finais nacionais são provas públicas e, nessa medida, irrepetíveis; além disso, os alunos que as realizam, na sua maioria, não são os mesmos. Esta alteração das duas componentes em presença – provas e alunos – é, por si só, motivo bastante para que numa mesma disciplina se verifiquem diferenças de resultados em anos diferentes³.

Com o objetivo de demonstrar que os resultados gerados por uma determinada prova dependem, entres outras variáveis, da população de alunos que a realiza, foi desenvolvido o seguinte exercício: considerando os alunos internos que realizaram a prova de Matemática A, na 1.^a fase, em 2013, foram constituídos, aleatoriamente, três grupos de dimensão equivalente (cerca de 10 mil alunos por grupo). As médias da classificação de exame obtidas, para cada um dos três grupos foram, em pontos, as seguintes: 93,6 – 97,0 – 100,2. Ou seja, uma das médias situa-se abaixo da marca dos 95 pontos (valor que delimita a fronteira entre o que se considera um resultado positivo e um resultado negativo), enquanto as duas outras são classificações médias positivas. De notar que a média nacional para a totalidade dos alunos foi 97 pontos (10 valores).

Em suma, a aplicação de uma mesma prova, no mesmo momento, permite encontrar diferenças de resultados que podem chegar a 7 pontos⁴, dependendo dos subgrupos de alunos formados a partir do universo que a realizou, sem que tenha havido qualquer interferência na constituição das várias amostras com potencial impacto significativo nas respetivas classificações médias (natureza do estabelecimento de

³ No ensino secundário, a escala de medida é 0 a 200 pontos (0 a 20 valores) e, no ensino básico, é 0 a 100 pontos percentuais.

⁴ Sabendo que as variações encontradas estão também dependentes do valor do desvio padrão dos resultados de cada disciplina, outras combinações amostrais poderão gerar diferenças de outra amplitude, não sendo de excluir a possibilidade de poderem ser observadas amplitudes de valor mais elevado.

ensino, área geográfica de proveniência, género, classificação interna de frequência).

Este exercício, não sendo conclusivo, e não esquecendo que em cada ano estamos a avaliar alunos diferentes e a utilizar provas diferentes, embora não necessariamente de grau de dificuldade ou de complexidade desigual, permite-nos sustentar que uma variação interanual de resultados não superior a um valor (14 pontos, numa escala de de 0 a 200 pontos) é aceitável como indicadora da estabilidade do desempenho dos alunos e do grau de equidade garantido por provas que são únicas em cada ano⁵.

Como se referiu, e pelo exemplo apresentado, é normal a ocorrência de variações de resultados entre dois ou mais anos, numa mesma disciplina. Consequentemente, realçar apenas o número de disciplinas cujas classificações médias subiram ou desceram de um ano para o outro, sem uma cuidadosa análise da amplitude dessas variações, é um exercício inútil e desprovido de qualquer valor informativo.

Para uma correta compreensão dos resultados das provas, é relevante ter em conta, sem mais, o número de disciplinas cuja classificação média subiu ou desceu, mas é imprescindível partir da identificação cuidadosa daquelas em que as oscilações apresentam amplitude significativa (superior a 14 pontos no ensino secundário e a 7 pontos no ensino básico). Variações desta dimensão poderão ser explicadas, entre outras, por uma ou mais das seguintes razões: alteração significativa da qualidade dos desempenhos da coorte de alunos avaliada (situação pouco provável no intervalo de um ano); alteração das condições de aplicação ou de realização das provas⁶; alteração das características das provas, no que se refere à sua estrutura ou ao seu grau de dificuldade.

Por último, é de notar que as conclusões atrás apresentadas pressupõem que se estejam a considerar apenas os resultados dos alunos internos e, em particular, em disciplinas cujo universo, pela sua ordem de grandeza, garanta consistência estatística entre vários anos, razão pela qual se privilegia a análise de resultados de disciplinas com um número de alunos internos igual ou superior a 2500.

⁵ No ensino básico (cuja escala apresenta um amplitude de 0 a 100 pontos percentuais), e à semelhança do princípio enunciado, considera-se que valores iguais ou inferiores a 7 pontos constituem uma variação que retrata um quadro de estabilidade.

⁶ Exemplo que se ilustra na análise dos resultados da disciplina de Matemática do 9.º ano, tendo por referência a sucessão das classificações médias observadas em 2011, 2012 e 2013, situação que se retoma mais adiante.

B. As classificações médias totais, as classificações dos alunos internos e o significado do conceito de classificação positiva ou negativa

O recurso ao valor das classificações médias totais, aquele que de forma generalizada é divulgado e analisado publicamente, enferma de uma limitação que invalida qualquer comparação estatisticamente significativa. Estes resultados englobam as classificações dos alunos internos e dos alunos autopropostos (a esmagadora maioria com Classificação Interna de Frequência (CIF) negativa). Estes últimos, não obtiveram uma classificação interna que lhes permitisse realizar os exames na condição de aluno interno, isto é, obtiveram classificação negativa no final do ano letivo; dito de outra forma, os professores não consideraram que estes alunos estivessem devidamente preparados para realizar o exame.

Na tabela 1, ilustra-se o efeito do peso relativo dos alunos autopropostos, no conjunto do total de alunos de uma dada disciplina, e o efeito que as respetivas classificações médias produzem no valor das classificações médias totais.

Tabela 1

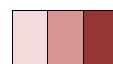
Simulação de classificações médias totais condicionadas pela interferência de resultados dos alunos autopropostos

Classificações	Disciplina							
	A		A		B		C	
	2012		2013		2013		2013	
	Alunos	Classif. média	Alunos	Classif. média	Alunos	Classif. média	Alunos	Classif. média
Totais	50000	101	50000	92	50000	80	50000	68
Alunos internos	70%	110	70%	110	50%	110	30%	110
Alunos autopropostos	30%	80	30%	50	50%	50	70%	50

Classificação positiva



Classificações negativas



Nos exemplos apresentados, a classificação média dos alunos internos é constante (11 valores, 110 pontos). O número total de alunos é também o mesmo em todos os casos.

Considere-se a disciplina A. Em 2012, os alunos autopropostos representaram 30% do total e a sua classificação média foi 8 valores (80 pontos). Em 2013, manteve-se a mesma proporção (30%), mas a classificação média destes alunos baixou para 5 valores (50 pontos). Em consequência, no ano de 2012 a média total foi positiva (10 valores, 101 pontos), mas em 2013 passou a ser negativa (9 valores, 92 pontos).

Considere-se agora as disciplinas A, B e C, no mesmo ano letivo (2013). Sendo constante a classificação média dos alunos autopropostos (5 valores, 50 pontos), a

simples variação do seu peso relativo tem um forte impacto na classificação média total: na disciplina B, com 50% de alunos autopropostos, a classificação desce para 8 valores (80 pontos) e, quando a percentagem desses alunos aumenta para 70%, a classificação desce ainda mais, fixando-se em 7 valores (68 pontos).

Sublinha-se que em todas as situações exemplificadas a classificação média dos alunos internos se manteve inalterada. Assim, sabendo que a percentagem de alunos autopropostos, de um ano para o outro, numa mesma disciplina, é variável, e sabendo ainda que a percentagem dos alunos autopropostos nas várias disciplinas pode ser muito significativa⁷, entende-se que a análise dos resultados das classificações das provas finais e dos exames nacionais deve centrar-se exclusivamente nos valores relativos aos alunos internos.

Por último, as quantificações relativas ao número de disciplinas com classificações negativas (ensino secundário), divulgadas publicamente, apresentam-se, em regra, alicerçadas em valores incorretos, sendo por vezes contabilizadas como negativas as classificações inferiores a 100 pontos e não a 95 pontos, como seria correto. De facto, é positiva a classificação que assegura a cada aluno a aprovação na respetiva disciplina (quando apenas se considera o resultado do exame). Neste caso, como a classificação é expressa em valores inteiros na escala de 0 a 20 valores, qualquer classificação igual ou superior a 95 pontos (9,5 valores) corresponde a uma classificação de 10 valores, garantindo a aprovação, pelo que só pode ser contabilizada como positiva.

C. As classificações médias das provas finais de ciclo

Como anteriormente foi referido, as classificações médias dos alunos nas provas finais de ciclo (ensino básico) não estão condicionadas, de forma significativa, pelos resultados dos alunos autopropostos. O seu peso relativo no universo de alunos avaliados é extremamente baixo, pelo que as classificações totais diferem das classificações dos alunos internos, em regra, não mais do que 1 ponto (numa escala de 0 a 100).

Porém, sabendo-se que a classificação das provas finais ou mesmo a classificação final da disciplina, desde que garantida a aprovação, não tem qualquer interferência no prosseguimento de estudos, não se pode descurar o efeito que o cálculo da classificação final pode ter nos níveis de empenho dos alunos aquando da realização das provas finais.

⁷ Em 2013, a percentagem dos alunos autopropostos nas 23 disciplinas do ensino secundário situa-se entre 0% (Português Língua Não Materna, código 739) e 99,6% (Inglês, código 550), sendo 41,8% em Biologia e Geologia (código 702), 42,3% em Física e Química A (código 715), 34% em Matemática A (código 635) e 29,2% em Português (código 639). As classificações médias dos alunos autopropostos nestas 4 disciplinas são, em média, 2,1 valores inferiores às dos alunos internos (ver anexo 1). Note-se que este fenómeno é inexpressivo nas classificações do ensino básico.

Na realidade, a fórmula de cálculo da classificação final⁸ permite que os alunos que tenham obtido, em Português ou em Matemática, uma classificação de frequência no final do 3.º período de nível 3, 4 ou 5 possam ser aprovados obtendo uma classificação na prova final de ciclo da mesma disciplina muito inferior (1, 2, 3 ou mesmo 4 níveis abaixo da classificação de frequência), conforme se pode observar na tabela 2.

Tabela 2

Classificação final da disciplina em função da classificação de frequência (final do 3.º período) e da classificação da prova final

		Classificação de frequência no final do 3.º período		
		3	4	5
Classificação prova final	1	2	3	4
	2	3	3	4
	3	3	4	4
	4	3	4	5
	5	4	4	5

Classificação final da disciplina – Aprovado



Classificação final da disciplina – Não aprovado



⁸ $CF = (7 Cf + 3 Cp)/10$, em que: CF = classificação final da disciplina; Cf = classificação de frequência no final do 3.º período; Cp = classificação da prova final.

1. Os resultados dos exames finais nacionais do ensino secundário

Os resultados das classificações médias dos exames finais nacionais em 2013 indicam uma situação de relativa estabilidade, que tem vindo a ser observada nos últimos quatro anos.

Os resultados dos alunos internos que realizaram as provas na 1.^a fase mostram-nos que, de entre 23 disciplinas, apenas em duas foram registadas classificações médias negativas (inferiores a 95 pontos): Biologia e Geologia, com 84 pontos (8 valores), e Física e Química A, com 81 pontos (também 8 valores). Temos, assim, um número de disciplinas com classificação negativa igual ao observado em 2012.

Em 2013, considerando o conjunto de disciplinas com 2500 ou mais provas realizadas por alunos internos, 11 disciplinas no total (ver anexo 1), registam-se nove resultados positivos. Em Português, Matemática A, Geografia A, Filosofia e Matemática Aplicada às Ciências Sociais, as classificações médias situam-se em torno dos 10 valores. Distanciam-se ligeiramente deste valor as classificações médias das disciplinas de História A e de Economia A, com 11 valores (106 e 113 pontos, respetivamente). Por último, as disciplinas das áreas das «Expressões», Desenho A e Geometria Descritiva A, são aquelas em que se registam resultados médios da ordem dos 12 valores (122 e 124 pontos, respetivamente).

A média das classificações das 11 disciplinas referidas foi 105 pontos, em 2012, tendo-se fixado em 102 pontos em 2013, o que equivale a uma descida inexpressiva de apenas três pontos. No conjunto das quatro disciplinas com mais provas realizadas (Português, Matemática A, Física e Química A e Biologia e Geologia), apenas num caso, Biologia e Geologia, se observa uma descida cuja amplitude toca o limite do intervalo de variação considerado como resultante de uma normal oscilação interanual dos resultados, no ensino secundário. Neste caso, a classificação média desceu 14 pontos em comparação com o resultado de 2012. Nos restantes casos, a variação não foi além de 7 pontos (Matemática A), sendo de 6 pontos em Português e sendo nula na disciplina de Física e Química A.

Como se pode observar na figura 1, considerando uma série de variações interanuais de quatro pares de anos consecutivos, para o conjunto das quatro disciplinas com maior número de provas realizadas por alunos internos, apenas em três situações (de 16 possíveis) se registam variações que ultrapassam os 14 pontos: em 2010-2011, nas disciplinas de Matemática A e de Física e Química A, e em 2011-2012, novamente na disciplina de Física e Química A.

Em 2012-2013, todas as variações estão dentro do intervalo que delimita a amplitude das variações interanuais consideradas normais, no quadro de aplicação de provas públicas. Em 2013, apenas na disciplina de Geometria Descritiva A (não representada na figura), cuja classificação média subiu 15 pontos, não se verifica uma variação dentro do intervalo referido.

Considerando as diferenças entre as classificações médias das quatro disciplinas representadas na figura 1 (em módulo), registam-se os seguintes valores: variação média de 4 pontos em 2009-2010, de 16 pontos em 2010-2011, de 12 pontos em 2011-2012 e de 7 pontos em 2012-2013. Assim, no corrente ano, a variação interanual média regista mesmo a segunda menor amplitude desde 2009-2010 e é inferior à registada no ano transato.

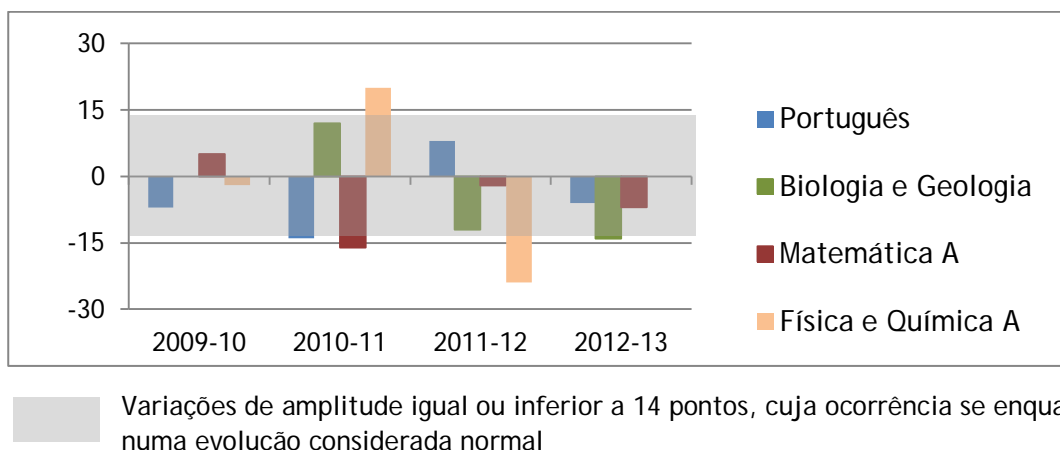


Figura 1 – Variação das classificações médias dos alunos internos, na 1.ª Fase, entre 2009 e 2013 (valores em pontos, numa escala de 0 a 200)

Na figura 2, pode observar-se a evolução das classificações médias para o conjunto das 10 disciplinas com 2500 ou mais provas realizadas por alunos internos⁹. Embora se denote uma tendência ligeiramente descendente, o resultado geral mantém-se claramente num nível positivo.

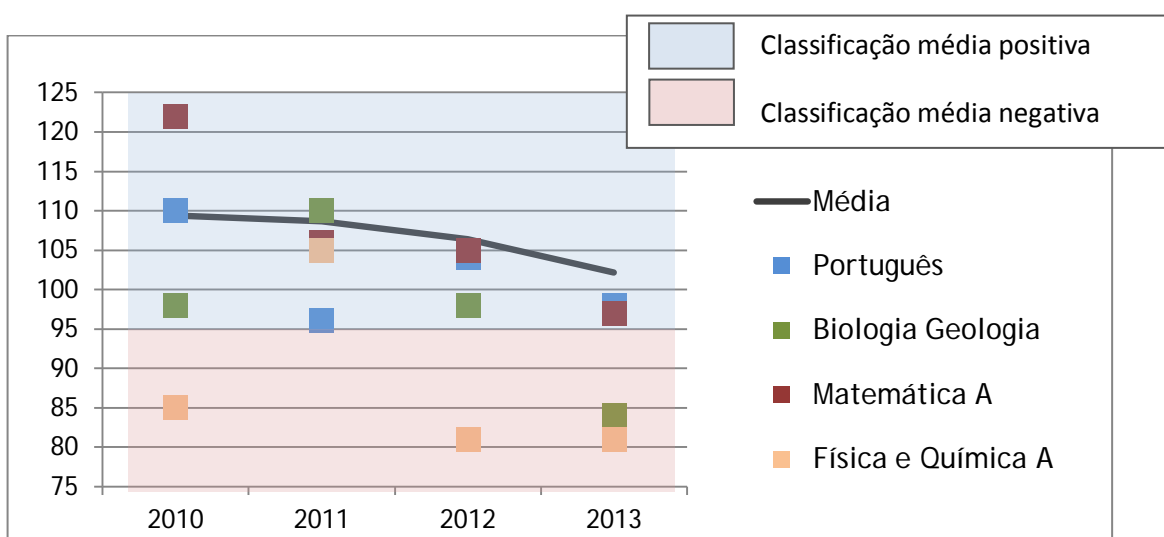


Figura 2 – Evolução das classificações médias dos alunos internos, na 1.ª Fase. Valor da média para as disciplinas com 2500 ou mais provas realizadas, em pontos (escala de 0 a 200 pontos)

⁹ A partir de 2012, a disciplina de Filosofia passou a integrar o grupo de disciplinas com 2500 ou mais provas realizadas por alunos internos, elevando para 11 o número de disciplinas neste grupo.

Relativamente à evolução dos resultados das quatro disciplinas com mais provas realizadas, verifica-se que no caso das disciplinas de Português e de Matemática A as classificações médias registam valores sempre positivos, acima dos 95 pontos. Já no caso de Biologia e Geologia, 2013 é o ano com pior resultado, aliás, o único negativo na série considerada. Por fim, constata-se que em Física e Química A persistem os resultados cronicamente mais baixos, sempre próximos dos 80 pontos, com exceção do único registo positivo desta série, 105 pontos, observado em 2011.

Como nota final, faz-se uma breve referência aos resultados dos alunos autopropostos, no sentido de ilustrar as observações apresentadas na nota metodológica. Em 2013, as classificações médias dos alunos autopropostos no grupo das 11 disciplinas com mais provas realizadas (anexo 1) foram, em média, 26 pontos inferiores às registadas pelos alunos internos. Considerando as quatro disciplinas com mais provas realizadas, aquele valor desce para 22 pontos.

Em todo o caso, cumpre registar que em oito dessas disciplinas os resultados dos alunos autopropostos foram dois ou mais valores inferiores aos dos alunos internos. Estas diferenças assumem uma expressão muito significativa nas disciplinas de Matemática A (-43 pontos) e de Português (-31 pontos). Nestas duas disciplinas, a percentagem de alunos autopropostos foi de, respetivamente, 34% e 29%.

2. Os resultados das provas finais de ciclo do ensino básico

As provas finais de ciclo no final do 4.º ano de escolaridade realizaram-se pela primeira vez no corrente ano letivo e foram distribuídas por duas fases. Após as reuniões de avaliação do final de ano, que incluíram a ponderação dos resultados da 1.ª fase, os alunos que não obtiveram aprovação puderam usufruir do prolongamento da duração do ano letivo, beneficiando, para o efeito, de acompanhamento extraordinário, uma das medidas de promoção do sucesso escolar previstas no Despacho Normativo n.º 24-A/2012, de 6 de dezembro.

Na 1.ª fase, a classificação média foi 49% na disciplina de Português, tendo 53% dos alunos obtido uma classificação de nível 3 ou superior. Já na disciplina de Matemática, a classificação média foi 57%, tendo 68% dos alunos alcançado uma classificação de nível 3 ou superior.

No final da 1.ª fase ficaram retidos 3856 alunos, o que corresponde a 3,6% do total de alunos inscritos. Ainda no final da 1.ª fase, embora em condições de transição para o 2.º ciclo, encontravam-se sem aprovação na disciplina de Português 628 alunos e na disciplina de Matemática 2100 alunos.

A realização da 2.ª fase, de acordo com as condições previstas no presente ano letivo, em conjunto com o período de acompanhamento extraordinário, veio permitir tanto a redução do nível de retenção como a diminuição dos níveis de reprovação por disciplina, atrás referidos. A taxa de retenção em 2013, após a realização da 2.ª fase, é a mais baixa de uma série de resultados registados desde o ano 2000. Conforme se observa na figura 3, aquele indicador registou valores inferiores a 5% a partir de 2006, tendo-se fixado em 3% no corrente ano letivo¹⁰.

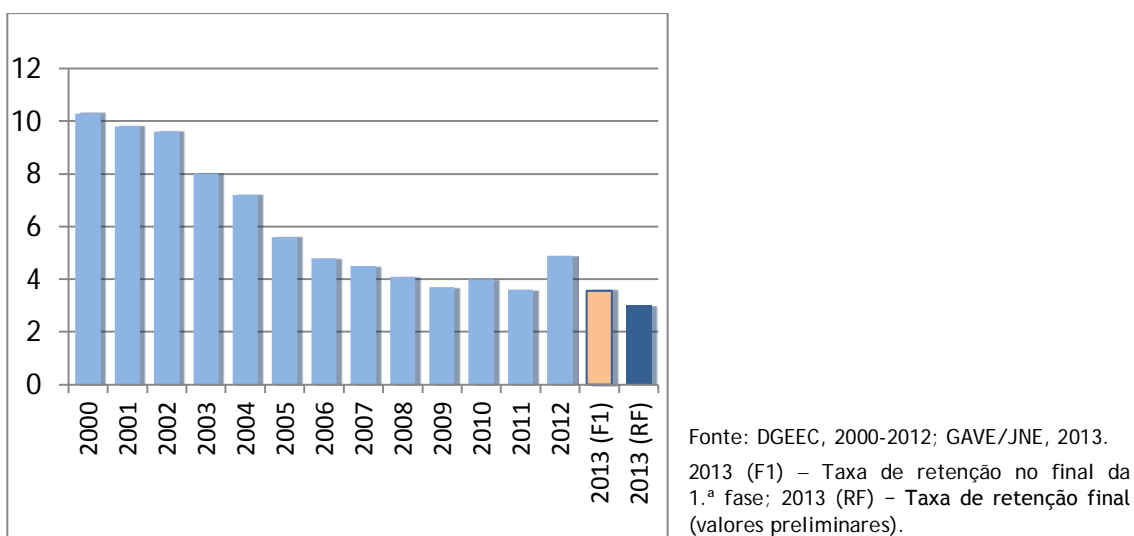


Figura 3 – Evolução da taxa de retenção no final do 1.º ciclo do ensino básico (%)

¹⁰ DGEEC – Valores de 2012 preliminares (8 julho, 2013)
GAVE/JNE – Valores preliminares (1 agosto, 2013)

De registar também que dos 628 alunos em condições de transição, no final da 1.ª fase, mas sem aprovação na disciplina de Português, 71 obtiveram aprovação na disciplina após a realização da prova da 2.ª fase, isto é, alcançaram um nível igual ou superior a 3. Em idêntica situação, na disciplina de Matemática, dos 2100 alunos, 658 obtiveram classificação positiva. Estes alunos transitam, assim, para o 2.º ciclo com aprovação nestas duas disciplinas.

Os resultados médios dos alunos internos nas provas finais do 2.º ciclo, 52% na disciplina de Português e 49% na disciplina de Matemática, e não obstante ser prematura qualquer análise cronológica dos resultados (apenas com dois anos de aplicação das provas), mostram variações, em relação aos resultados de 2012, que se enquadram nos intervalos que retratam evoluções consideradas normais.

Regista-se uma descida de 7 pontos percentuais na disciplina de Português e uma descida de 5 pontos percentuais na disciplina de Matemática (tabela 3). Com estes resultados não se pode inferir uma degradação da qualidade da aprendizagem, quando medida pelos resultados da avaliação externa, sendo mais legítimo concluir que se está perante um quadro de estabilidade. Ainda assim, estes resultados evidenciam lacunas de aprendizagem, identificadas em anos anteriores com base nos resultados das provas de aferição, que se reconhece ser necessário ultrapassar.

Tabela 3

Resultados das provas finais do 2.º ciclo e dos exames/provas finais do 3.º ciclo do ensino básico dos alunos internos, na 1.ª chamada (valores em percentagem)

Ciclo	Disciplina	2010	2011	2012	2013
2.º	Português			59	52
	Matemática			54	49
3.º	Português	57	51	54	48
	Matemática	51	44	54	44

Em relação às classificações médias dos alunos internos do 3.º ciclo nas disciplinas de Português e de Matemática, observam-se situações distintas.

Na disciplina de Português, com uma classificação média de 48%, em 2013, regista-se uma descida de 6 pontos percentuais em relação ao resultado de 2012, isto é, ainda dentro de um intervalo de variação que pode ser considerado normal. Uma descida de igual amplitude tinha já ocorrido entre 2010 e 2011. O resultado de 2013, embora sendo o mais baixo da série apresentada na tabela 3, é inferior ao registado em 2011 em apenas 3 pontos percentuais e, por si só, não indica nenhuma regressão na qualidade da aprendizagem dos alunos, à semelhança do referido para os resultados do 2.º ciclo.

Importa recordar que, no caso da disciplina de Português, uma parte das oscilações dos resultados entre dois ou mais anos se fica a dever às diferenças do desempenho dos alunos quando em presença de tipologias textuais diversas; destaca-se o texto poético, presente na prova do 3.º ciclo do corrente ano, que implica, em regra, respostas cujas classificações médias apresentam pontuações mais baixas.

No que se refere à disciplina de Matemática, nos últimos três anos assistiu-se a uma oscilação com uma descida de 7 pontos percentuais em 2010-2011, uma subida de 10 pontos percentuais em 2011-2012 e uma descida de 10 pontos percentuais no corrente ano.

As oscilações superiores a 7 pontos percentuais atrás referidas, contrariamente ao que se poderia supor, não decorrem de uma alteração significativa da estrutura das provas, do seu enunciado, do seu grau de dificuldade ou dos respetivos critérios de classificação.

As provas de 2011 e de 2012 foram consideradas, quer pela Associação de Professores de Matemática quer pela Sociedade Portuguesa de Matemática, como tendo um nível de dificuldade equivalente. Já neste último ano, a Sociedade Portuguesa de Matemática reconheceu o equilíbrio no grau de dificuldade da prova em relação à do ano transato. Também não é expectável que, no intervalo de um ano, as variações observadas possam ser explicadas por uma melhoria (ou por uma regressão) da qualidade dos desempenhos dos alunos. Qualquer explicação apenas poderá ser sustentada a partir da análise das características das futuras provas e dos futuros resultados.

No entanto, a análise que se apresenta no *Relatório PROVAS FINAIS DE CICLO E EXAMES FINAIS NACIONAIS 2012* como provável justificação da inusitada subida de 10 pontos percentuais no resultado de 2012, com uma prova qualificada por vários interlocutores como muito exigente, ganha agora uma outra dimensão.

À semelhança do observado em 2012¹¹, em 2013 também o resultado do Teste Intermédio, aplicado a um universo de cerca de 96 mil alunos, em 99,1% dos estabelecimentos de ensino, registou uma média nacional de 32,4%. Porém, este resultado não gerou, em 2013, qualquer reação mediatizada e de âmbito nacional. Ao contrário dos alunos que realizaram a prova final de ciclo em 2012, «pressionados» pela difusão de notícias fortemente alarmantes em relação à possível dificuldade da prova final, em 2013 este tipo de «pressão» não se terá feito sentir.

¹¹ Conforme explicitado no *Relatório PROVAS FINAIS DE CICLO E EXAMES FINAIS NACIONAIS 2012*, «A única variável extrínseca à prova que poderá constituir uma possível explicação para este fenómeno foi a ampla mediatização do resultado do Teste Intermédio, publicitado em março de 2012. A média nacional, muito baixa (31,1%), criou um profundo alarme social e poderá ter contribuído para um crescente e generalizado empenho dos alunos na realização de prova final. (...) Em 2012, a percentagem de alunos que alcançaram nas provas finais um nível superior ao obtido na classificação interna foi 67%, 24 pontos percentuais acima do valor registado em 2011, que não foi além de 43%.» (p. 139)

Assim, em 2013, poderá ter prevalecido o padrão em que, na disciplina de Matemática, cerca de 60% dos alunos com classificação de frequência de nível 3, 4 ou 5 obtêm na prova final uma classificação de nível inferior. A percentagem de alunos nesta situação, 57,6% em 2013, é suscetível de ser minorada caso estejam reunidas circunstâncias que propiciem níveis de empenho acrescidos na realização das provas finais, como sucedeu em 2012, ano em que este valor se situou em 37,2%. E, se assim for, as classificações médias poderão voltar a registar valores similares aos de 2012 (na casa dos 50% a 55%), sem que seja necessário baixar o nível de dificuldade das provas.

A análise dos resultados de itens semelhantes entre si¹², aplicados nas três provas consideradas, ajuda a sustentar a evidência empírica atrás referida. Na figura 4, pode verificar-se que a evolução da classificação média das provas apresenta um padrão muito semelhante ao evidenciado pela variação da percentagem da classificação média sobre a cotação total¹³ nos três conjuntos de itens considerados. Estes resultados reforçam a ideia de que a prova não terá sido a variável determinante na variação interanual dos resultados verificada entre 2011 e 2013.

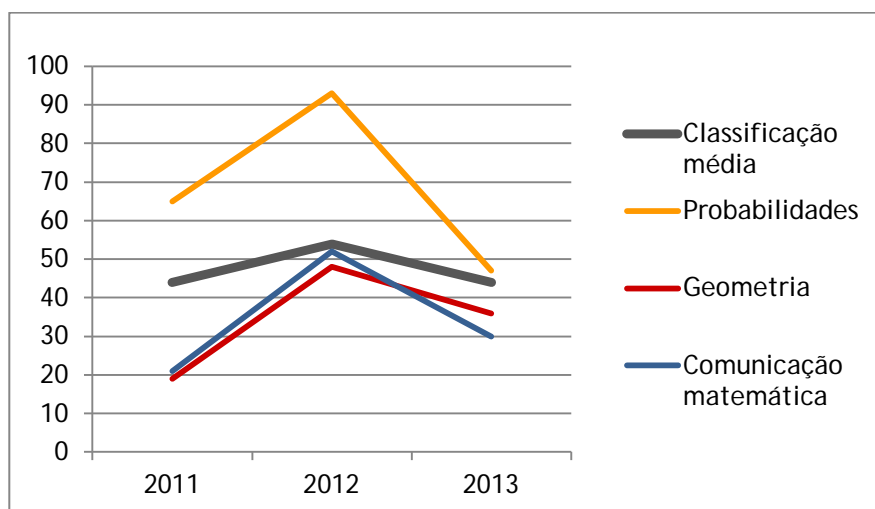


Figura 4 – Evolução da classificação média dos alunos internos, na 1.ª chamada, e da percentagem da classificação média/cotação total dos itens selecionados e considerados equivalentes

¹² Os itens considerados na figura são similares no conteúdo que se pretende avaliar e no grau de complexidade das operações mentais que mobilizam.

Os itens cujos resultados aqui se reproduzem estão agrupados em três conjuntos com as seguintes características: itens que envolvem um raciocínio simples e avaliam o conceito de probabilidade; itens que implicam capacidade de abstração e avaliam conhecimentos de geometria (posição relativa de retas e planos); itens que avaliam a comunicação matemática.

¹³ O indicador considerado para quantificar os resultados por item é a percentagem da classificação média sobre a cotação total do item. Dito de outra forma, é a parte da cotação do item que é atribuída e que concorre para a classificação total de uma prova. Por exemplo, num item com 10 pontos, um valor de 40% significa que, em média, os alunos alcançam uma pontuação de 4 pontos.

Conclusão

Os resultados das provas finais de ciclo e dos exames finais nacionais de 2013, numa análise preliminar, permitem concluir que o desempenho médio dos alunos portugueses, em sede da avaliação externa, mostra sinais de estabilidade.

Esta constatação, que só poderá ser confirmada com a análise dos resultados por item, a realizar durante o próximo ano letivo, está em consonância com o que tem sido habitual nos últimos quatro anos. Assim, se é verdade que enfrentamos um quadro de estabilidade nos resultados que permite inferir a ausência de progressos na qualidade da aprendizagem, também é verdade que estamos muito longe de um cenário de degradação acentuada dessa mesma qualidade.

As variações das classificações médias dos alunos internos, entre 2012 e 2013, foram maioritariamente de amplitude diminuta, com oscilações que, na generalidade das disciplinas, foi da ordem de um dígito (seja no ensino secundário, numa escala de 0 a 200 pontos, seja no ensino básico, numa escala de 0 a 100 pontos).

Embora também se registre que nas principais disciplinas, aquelas que recorrentemente envolvem um maior número de alunos na realização dos exames, as variações tenham sido de sinal negativo, a sua fraca amplitude e a ausência de uma tendência duradoura no sentido de um retrocesso fazem com que a variação global observada se inscreva numa normal variação interanual. Entende-se por um quadro normal de variação interanual de resultados aquele que comporta, de forma alternada, descidas ou subidas das classificações médias de reduzida amplitude.

A título de exemplo, apresentam-se os resultados do item que avalia a capacidade da escrita nas provas de Português do 9.º ano e do 12.º ano (tabela 4). Como a formulação do item (e dos critérios de classificação) se tem mantido inalterada, não se pode recorrer à explicação fácil de que os resultados não melhoram, ou até pioram, por as provas serem mais ou menos «difíceis». Impõe-se, assim, concluir que estes resultados ilustram a estagnação dos desempenhos dos alunos, em especial num domínio da aprendizagem com forte interação transversal nas demais áreas do saber.

Tabela 4

Resultados do item de escrita (Grupo III) das provas de Português do 9.º ano e do 12.º ano, realizadas por alunos internos de 2009 a 2013 (valores em percentagem da classificação média/cotação total)

Anos	9.º ano	12.º ano
2009	62,5%	56,1%
2010	62,8%	53,5%
2011	63,0%	53,9%
2012	60,3%	56,1%
2013	62,8%	54,2%

Em termos globais, como reiteradamente afirmado nos relatórios do GAVE (Exames Nacionais e Testes Intermédios), publicados desde 2009, a análise dos resultados por item, muito mais fiável e elucidativa do que a análise das classificações médias, não indicia qualquer melhoria significativa no desempenho global dos alunos, mas também não sustenta qualquer cenário de regressão na qualidade da aprendizagem.

Anexo

Exames Finais Nacionais do Ensino Secundário

Provas	Resultados (pontos)								Provas realizadas			
	Totais			Alunos Internos			Alunos autopropostos 2013	Diferença Classificação AI-AA 2013	2013			2012
	1.ºF/2012	1.ºF/2013	Diferença 2013-2012	1.ºF/2012	1.ºF/2013	Diferença 2013-2012			Total	Internos	Autoprop. (%)	Autoprop. (%)
702 Biologia e Geologia	93	81	-12	98	84	-14	76	8	50933	29620	42	44
706 Desenho A	120	121	1	123	124	1	112	12	5307	3944	26	34
712 Economia A	101	100	-1	117	113	-4	88	25	11010	5073	54	64
714 Filosofia	78	91	13	89	102	13	72	30	8427	5445	35	31
715 Física e Química A	75	78	3	81	81	0	74	7	52591	30333	42	38
719 Geografia A	103	94	-9	107	98	-9	82	16	19757	15059	24	26
708 Geometria Descritiva A	90	102	12	107	122	15	71	51	9113	5592	39	37
623 História A	110	99	-11	118	106	-12	80	26	15705	11462	27	30
635 Matemática A	87	82	-5	104	97	-7	54	43	47562	31413	34	31
835 Matemática Aplicada às Ciências Sociais	95	87	-8	106	99	-7	59	40	9343	6587	29	25
639 Português	95	89	-6	104	98	-6	67	31	70807	50127	29	32

Disciplinas em que o número de provas realizadas por alunos internos é igual ou superior a 2500

	Classificações negativas (< a 95 pontos)
	Varição interanual dentro do intervalo igual ou inferior a 1 valor (14 pontos)
AI - Alunos Internos; AA - Alunos autopropostos	
	Diferença igual ou superior a 2 valores (15 pontos)

Fonte: GAVE/JNE 2012, 2013